



EDIÇÃO Nº 14 SEGUNDO SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



ANÁLISE DIACRÔNICA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS EM LÍNGUA PORTUGUESA: O PORTUGUÊS ARCAICO E O PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Mário Márcio Godoy Ribas (PG/UEMS)

Miguel Eugênio Almeida (UEMS)

Resumo: De acordo com Deutscher (2005), o subjuntivo é uma forma verbal em extinção em várias línguas do mundo. Trabalhos sociolinguísticos indicam que há uma tendência de uso do indicativo quando a gramática normativa sugere o uso do subjuntivo. Assim, levantou-se o problema de se verificar quais foram as mudanças ocorridas nesse tipo de estrutura com a finalidade de se concluir se, como em outras línguas, a língua portuguesa também segue a tendência de extinguir essa forma verbal. Para a realização deste trabalho diacrônico, definiu-se dois pontos específicos no tempo: o português brasileiro atual e o português arcaico, século XII ao século XV. Várias foram as razões para se escolher esse período no passado: é o primeiro momento no qual a língua portuguesa é reconhecida; ela adquire características que a diferencia completamente do latim (p. ex. o fim das declinações resultando em posições sintáticas mais fixas); é identificado o primeiro texto considerado como língua portuguesa (*Cantiga da Ribeirinha* - Séc. XII); ocorre o surgimento de vários textos em prosa e poesia (como os *Cancioneiros* que são facilmente acessíveis para estudo); e, no século XIII, a língua portuguesa se torna obrigatória como língua acadêmica em Portugal. Em certos pontos, foi-se necessário buscar explicações na língua latina, já que muitos tempos verbais sofreram mutações, como o imperfeito do subjuntivo atual que é resultado do mais que perfeito latino. Porém o foco do trabalho são as mudanças sintáticas nas orações subordinadas com o subjuntivo. Outro ponto de relevância no trabalho é o entendimento do funcionamento da partícula que, a qual exerce variadas funções no português contemporâneo, como advérbio, preposição, conjunção e pronome entre outras.

Palavras-chave: Diacronia. Subordinação. Subjuntivo.

Abstract: According to Deutscher (2005), the subjunctive is a verb form in extinction in several languages of the world. Sociolinguistic studies indicate that there is a trend to use the indicative when the normative grammar suggests the use of the subjunctive. So, this work verifies what the changes in this type of structure were in order to determine whether, as in other languages, Portuguese language follows the trend of not using this verb form. For this diachronic work, we defined two specific points: the current Brazilian Portuguese and the archaic Portuguese, from the twelfth century to the fifteenth century. There were several reasons for choosing this period in the past: it was the first moment in which Portuguese language is recognized, it acquired characteristics that differentiated it completely from Latin (e.g. the end of declinations, resulting in more fixed syntactic positions); it was identified the first text considered Portuguese (*Cantiga da Ribeirinha* – 12th century); many texts in prose and verse were written (like *Cancioneiros* that are easily accessible for study), and in the 13th century, Portuguese became mandatory as academic language in Portugal. At certain points, it was necessary to look for explanations in Latin, since many tenses mutated, as the imperfect subjunctive which is the result of pluperfect Latin. But the focus of the work falls on the syntactic changes in subordinate clauses with the subjunctive. Another relevant point is

to understand the role of the word *que*, which occupies many positions in the contemporary Portuguese, like adverb, preposition, conjunction, pronouns, among others.

Keywords: Diachrony. Subordination. Subjunctive.

Introdução

A palavra *subjuntivo* é definida pelo dicionário *Houaiss* como aquilo que é subordinado ou dependente. Sintaticamente, então, temos o subjuntivo como um modo verbal dependente de outro, normalmente o modo indicativo, ou ainda dependente de expressões como *talvez*. Logo, a presença do subjuntivo ocorrerá, na maioria das vezes, não em orações principais, mas em orações subordinadas, já que tais orações são sempre secundárias na estrutura da frase.

É importante ressaltar que, apesar de o subjuntivo principalmente ocorrer em orações subordinadas, nem sempre estas orações conterão um verbo na forma subjuntiva, pois outros fatores são necessários para que este esteja presente. Pela gramática normativa, este modo ocorrerá

normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar. (Bechara, 2001, p. 280)

Assim normativamente, teremos frases como (1.1) que indica incerteza e (2.1) que também traz, com o uso da palavra *talvez*, a ideia de possibilidade, logo indicando a não certeza.

(1.1) *Não acho que ele vá passar no concurso.*

(2.1) *Talvez ele não passe no concurso.*

Note que, na frase (2), o subjuntivo não ocorre em oração subordinada.

Ainda que recomendado pela gramática normativa, nem sempre frases como as acima são estruturadas pelos falantes do português brasileiro. Ocasionalmente, esses falantes estruturam as mesmas orações com o verbo no modo indicativo, principalmente quando o discurso é oral. Logo frases como (1.2) e (2.2) serão consideradas aceitáveis em português do Brasil.

(1.2) *Não acho que ele vai passar no concurso.*

(2.2) *Talvez ele não vai passar no concurso.*

Assim este trabalho busca encontrar se houve alterações sintáticas nas frases com subjuntivo desde o português arcaico até o nosso português contemporâneo.

1. O subjuntivo no latim

O modo subjuntivo na língua latina clássica era formado pelo presente e pretérito imperfeito, ambos no grupo dos verbos do *infectum* (tempos que indicam uma ação em curso), e pelo pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito, ambos considerados *perfectum* (indicando uma ação passada).

Já no português contemporâneo, há três formas simples: presente, pretérito imperfeito e futuro. Ainda há outras três formas compostas que são o pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro composto, todas elas compostas pelo presente, pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo, respectivamente, acrescido do particípio passado.

Como os tempos compostos do subjuntivo são formados a partir dos tempos simples, podemos considerar que o português contemporâneo é formado basicamente apenas por três tempos no modo subjuntivo (os tempos simples). Portanto, do latim com quatro tempos houve a redução para três no português.

Silva (2010, p. 126) traz um quadro comparativo da conjugação latina com os correspondentes em português, o qual segue abaixo:

Presente <i>amem</i> > <i>eu ame</i>	Pretérito Imperfeito <i>amarem</i> > (<i>amasse</i>)	Pretérito Perfeito <i>amarim</i> ¹ > (<i>tenha amado</i>)
Pretérito mais-que-perfeito <i>amassem</i> > (<i>tivesse amado</i>)	Futuro <i>inexistente no latim</i> > (<i>eu amar</i>)	

Tabela 1 – Quadro comparativo do subjuntivo em latim e português

Os parênteses indicam que não há relação de exatidão, assim não representa a mesma ideia expressa presente no tempo que o originou.

¹ Silva (2001, p.39) difere de Silva (2010). A autora cita que a forma verbal da 1ª pessoa do singular no presente *perfectum* do subjuntivo é *amaverim* e não *amarim*. O mesmo ocorre com a mesma pessoa do pretérito *perfectum* do subjuntivo: *amavissem* e não *amassem*.

Logo o único tempo verbal do subjuntivo em latim que carregou os seus valores semânticos para o português corrente é o presente do subjuntivo. Os demais sofreram grandes alterações, por exemplo, o pretérito imperfeito do português contemporâneo é resultado do pretérito mais-que-perfeito latino.

A maior mudança ocorrida foi no futuro do subjuntivo que não existia no latim. Silva (2010, p. 128) afirma que este tempo é o resultado de confusão do falante entre o futuro perfeito e pretérito perfeito do subjuntivo.

Vale esclarecer que o imperativo negativo (e parte do imperativo afirmativo) em português é tomado a partir do subjuntivo presente, porém, no latim, o imperativo possuía características próprias e inclusive um de seus tempos, o imperativo futuro, desapareceu na transformação ocorrida para o português.

2. Algumas das marcas do português arcaico

Os primeiros textos considerados como português foram escritos no século XII. Coutinho (2005, p. 65) elenca cinco deles como os mais antigos: *Auto da Partilha* (1192), um *Testamento* (1193) e uma notícia, *Notícia de Torto* (por volta 1206). Esses foram escritos em prosa. Os mais antigos em verso são uma cantiga de Pai Soares de Taveirós (1189) e outra del-rei D. Sancho (1194-1199).

Os textos acima são uma rica fonte de exemplos de como a língua mudou daquele período para o atual, assim para contextualizar o português arcaico, segue uma lista de exemplos de alterações ocorridas (Coutinho, 2005, p. 67):

- Participípio passado variava com o verbo ter e haver: (...) *averás passadas as atribuições*. Hoje a mesma frase não varia (*haverá passado as atribuições*).

- Os verbos de movimento poderiam ser seguidos da preposição em: (...) *veerom da Gallya Gotica em Espanha*. Verbos como vir são seguidos das preposições *para* ou *a* quando indicam o destino (*vieram da Gália Gótica para a Espanha*).

- Usava-se o cujo como interrogativo: *Cuja é esta Glória?* A palavra *cujo* não expressa mais a posse quando em perguntas e atualmente deve ser substituída por *de quem* (*De quem é esta Glória?*).

- Empregavam-se duas negativas pré-verbais: *nem nenhum princepe non foi tam poderoso*. Apesar de a dupla negativa permanecer no português, o emprego de duas partículas indicando negação antes do verbo não é mais usado e a mesma oração seria *nem nenhum príncipe foi tão poderoso*.

- A 2ª pessoa do subjuntivo substituía a do imperativo nas frases optativas: *digas-me mandado de mha senhor*. A forma verbal atual é formada pela 2ª pessoa do singular do presente do indicativo e para o verbo *dizer*, que é o verbo utilizado acima, ocorrem duas formas, *diz* e *dize*, logo *diz-me/dize-me*. Apesar de não aceito pela gramática normativa, também ocorre a forma *diga* (*diga-me*) que é a 3ª pessoa do singular, entretanto utilizada como 2ª pessoa do singular no imperativo.

Muitas outras alterações ocorreram durante todos esses séculos, a maioria é fonética e alterou a escrita como *mha/minha*, *princepe/príncipe*, *veerom/vieram*.

3. Marcas do subjuntivo no português arcaico

Como no português atual, em muitos casos, a oração subordinada depende de uma partícula que a une com a oração principal. O *que* é a palavra mais utilizada e é por Câmara Jr. (1975, p 114 apud Silva, 2001, p.111) reconhecido como o *pronome relativo primário*. Câmara lista várias palavras do português arcaico que foram as responsáveis pela formação do atual *que*:

- *que* (masc.);
- *quae* (fem.);
- *quod* (neutro);
- *quem*;
- *quam*;
- *quod*;
- não muito frequente, mas encontrada *ca*.

Como os pronomes relativos desempenham uma função sintática na frase, o *que*- primário por ser o mais utilizado – pode ocupar muitas dessas posições. Silva traz dois exemplos dos *Diálogos de S. Gregório*, texto do século XIV. Exemplo:

Esto, Pedro, *que* (OD) ti eu ora quero contar, aprendi-lo dũu homen muito honrado *a que* (OBL) dezian Fortunado, *con que* (ADJT. ADV) eu avia gram prazer per razon da idade *que* (OD) avia e per razon das obras *que* (OD) fazia e per razon da simplicidade *en que* (ADJT. ADV) vivia. (Silva, 2001, p. 112)

Na primeira subordinada relativa, nota-se que a ausência de preposição antes do pronome relativo *que* indica uma alteração na regência do verbo *contar*, pois naquele momento esse verbo era objetivo direto e atualmente é transitivo indireto em relação àquele que se conta alguma coisa. Outros dois *que* (segunda e terceira marcações de OD no texto) também exercem a função de objeto direto, porém sem alterações sintáticas.

Já o segundo *que*, indicado pela abreviação OBL, cumpre a função de objeto oblíquo (*diziam-lhe Fortunado*).

A próxima função é de adjetivo adverbial (ADJT. ADV), expressando companhia. No mesmo texto, o último *que* também exerce a mesma função, porém exprimindo a ideia de lugar e poderia ser substituído pelo atual *onde*.

O segundo exemplo é o seguinte:

E o seu bispo daquela eigraya, *que* (SUJ) avia nome Constâncio, feze-o trager per totalas eigrejas dos mártires *que* (SUJ) eram en seu bispado. (Silva, 2001, p. 112)

Nas duas ocorrências do texto acima, a partícula *que* exerce a função de sujeito, substituindo, respectivamente, *o seu bispo daquele eigraya* e *totalas eigrejas dos martires*. No exemplo, não ocorre nenhuma transformação sintática do subjuntivo entre o período arcaico e contemporâneo.

Se o *que*, na maioria dos textos, permaneceu o mesmo como podemos ver nestes dois exemplos, algumas palavras sofreram mudanças. Algumas fonéticas facilmente perceptíveis e outras nem tanto.

Daquelas que sofreram apenas mudanças fonéticas podemos citar *quen* > *quem* e *quaaes* > *quais*. Algumas outras foram completamente transformadas pelo tempo, como a palavra *quejando*, praticamente em desuso. A definição abaixo é do Dicionario da Lingua Portugueza Recopilado.

QUEJANDO, t. composto de *que*, e *jando*. Antiq.. Val o mesmo qual, que tal, de que qualidade? *Cron do Condestavel*, c. 8o. no argumento. *Torna o conto a narrar a sua vida quejanda foi V. Quejandas são*; que taes, em que estado estão: as quaes estalagens hi nom ha *quejandas* devia haver. (quaes devia haver em estado de dar pousada a Senhores.) Ord. Af. 2, 59. 8.(SILVA, 1813, p. 558)

Silva, remetendo novamente aos *Diálogos de S. Gregório*, traz a seguinte frase *Cedo mi fez saber quejandas noites faz aver Amor a quen el preso tem*. Ao consultar a definição do verbete acima é possível entender o pronome como variável (sing. masc. *quejando*) e como indicador de qualidade, não

possuindo palavra corrente equivalente, porém podendo ser substituído por expressões como *que tal/tais* ou *que [referente] assim*, por exemplo, *Cedo me fez saber que noites assim faz (...)*.

Outra partícula, que mesmo sem aparecer nos textos arcaicos com frequência conforme Silva, é o *ca* que de pode ser encontrado em algumas cantigas indicando exercendo várias funções sintáticas, como no Cancioneiro da Ajuda, cantiga 119 de Fernão Garcia Esgaravunha.

Quam muit'eu am'ũa molher
non'o sabe Nostro Senhor,
nem ar sabe quam gram pavor
hei hoj'eu dela, cuido-m'eu;
ca, se o soubesse, sei eu
ca se doeria de mi
enom me faria assi
querer bem a quem me mal quer.

Pero que dizem que negar
nom xe Lhe pode nulha rem
que El nom sábia, sei eu bem
que aind'El nom sabe qual
bem lh'eu quero, nem sab'o mal
que m'ela por si faz haver;
ca, se o soubesse, doer-
s'-ia de mi, a meu cuidar.

Ca Deus de tal coração é
que, tanto que sabe que tem
eno seu mui gram coit'alguém,
logo lhi conselho pom;
e por esto sei eu que nom
sab'El a coita que eu hei,
nem eu nunca o creerei
por aquesto, per bõa fé.

(Lopes, 2012)

Na primeira estrofe, o primeiro *ca* indica uma coordenação, se aproximando à ideia do atual *porque* ou *pois*: *ca, se o soubesse / porque, se eu soubesse*.

Já o segundo *ca* indica a subordinação e exerce a função de conjunção integrante na oração subordinada objetiva direta: *eu sei que se doeria de mim*.

Nota-se ainda o *que* não é resultante de apenas uma transcrição da fala ou variante padrão para a época, já que as duas partículas aparecem no mesmo texto. No primeiro verso da segunda estrofe, essas palavras aparecem na mesma frase, sendo o *ca* e *que* conjunções coordenativas.

4. Notícia de Torto: um dos textos não-literários mais antigos em língua portuguesa

A notícia de torto é um texto cartorial que provavelmente nunca foi lavrado. Foi um rascunho feito em pergaminho, que por esse fato apresenta *rasuras, traços e entrelinhas, redação desordenada e confusa, linguagem bárbara, ortografia extravagante e sem data nem subscrições*. (Costa, 1992, p. 22) O texto é um relato das malfeitorias realizadas a D. Lourenço Fernandes da Cunha pelos filhos de Gonçalo Ramires e outras pessoas.

Interessa-nos o texto por ser possivelmente escrito em linguagem utilizada na época sem os rebuscamentos literários, porém com a intenção de ser um texto em língua padrão pelo caráter jurídico. Nas suas 55 linhas, estão presentes 24 vezes a palavra *que*. Não será feita a análise de todas essas palavras, porém para se evitar um novo trabalho dentro deste trabalho focaremos no estudo do subjuntivo no texto, assim consideraremos apenas as onze primeiras linhas do texto, nas quais este modo verbal ocorre sete vezes. O texto está transcrito abaixo conforme o projeto BIT-PROHPOR².

- 1 De noticia de torto que feceru) a Laure)cious Fernãdiz por plazo que fece Gõcauo
- 2 Ramiriz antre suos filios e Loure)zo Fernãdiz quale podedes saber: e oue auer, de erdade
- 3 e dauer, tãto quome uno de suos filios, daquãto podese) auer de bona de seuo pater; e fiolios seu
- 4 pater e sua mater. E depois feceru) plazo nouo e cõue) uos a saber quale; in ille seem
- 5 taes firmamentos quales podedes saber Ramiro Gõcaluiz e Gõcaluo Gõca [luiz e]
- 6 Eluira Gõcaluiz foru) fiadores de sua irmana que o[to]rgase aqu[e]le plazo come illos
- 7 super isto plazo ar fe[ce]ru) suo plecto. E a maior ajuda que illos hic cõnoceru), que les
- 8 acanocese Laure)zo Fernãdiz sa irdade per plecto que a teuese o abate de Sancto Martino
- 9 que, como ue)cese), que asi les dese de ista o abade. E que nunquai llos lecxase)
- 10 daquela irdade d[.] se) seu mãdato. Se a lexare), i)tregare) ille de oetra que li plaza.
- 11 E dauer que oueru) de seu pater, nu[n]qua le li i)de deru) parte

² Projeto Banco Informatizado de Textos do PROGRAMA PARA A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA, que na época tinha como coordenadora responsável a Prof. Dr. Rosa Virgínia Mattos e Silva.

Na linha 6, o verbo *otorgar*³ está conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo e está presente em uma oração subordinada substantiva objetiva direta que complementa o verbo *saber*. Nas linhas 8 e 9, o verbos *teuese* e *eu)cesse*⁴, também seguem o paralelismo e todos os verbos citados seguem o mesmo padrão, aparentemente indicando desejos que deveriam ter ocorrido no passado.

Na linha 10, há dois verbos com grande chances de serem indicadores do inexistente futuro do subjuntivo no latim, *lexare*) e *i)tregare*).

Apesar de identificarmos os verbos, principalmente pelas suas desinências, ainda não temos provas suficientes de que houve ou não alterações sintáticas no subjuntivo referentes ao período em que ele foi escrito e o português contemporâneo. A ausência de elementos que nos auxilie nesta tarefa deve-se ao estado em que se encontra o pergaminho do qual o texto foi retirado pelos membros do BIT-PROHPOR.

4.1. Auto de Partilha (1192)

O *Auto da Partilha*, conforme Costa (1992, p. 5), é um texto datado de 1192, porém não é o original, mas ao mesmo tempo não é uma falsificação. O texto é uma cópia do original. Alguns aspectos que levam a crer nesta afirmação são detalhes como a forma das letras que se aproximam da chamada escrita semi-gótica, a qual surgiu apenas um século depois da referida data. Outro ponto dentre os vários citados pelo autor supracitado está a substituição constante do *y* no lugar do *i* e do *v* pelo *u*.

Da mesma maneira que o texto anterior apresenta várias dificuldades para o estudo diacrônico, principalmente pela sua decifração, ainda temos o fatos de ser uma cópia e escribas corriqueiramente fazerem adaptações. Aqui mantendo o início do texto em latim e nos deixando a dúvida de quais partes foram alteradas. De qualquer maneira, o texto ainda pode fazer parte do *corpus* já que as alterações datam do século XIV.

Para o estudo, utilizamos a transcrição crítica de Costa (1992, p. 9). Também como na *Noticia de Torto*, mantivemos a parte específica do texto onde encontramos material para a nossa pesquisa.

³ A indicação da sílaba *to* entre colchetes é uma marcação da base de dados indicando que não há clareza sobre essa no pergaminho original.

⁴ As informações da base de dados informam que este último é de difícil identificação no pergaminho original. Há uma nota indicando que ele está *seguido de várias letras riscadas; parece-se reconhecer o e u elevados acima da linha e q*.

[1] In Ch(rist)i n(omi)ne, am(en). Hece(st) notitia de p(ar)tiçon (e) de deuison que fazem(os) antre nós dos h(er)dam(en)tus e dus cou[tos e] das onrras

[2] e dou<s> padruadig(os) das eygreygas que forum de nossu padre e de nossa madre, en esta maneira q(ue) Rodrigo

[3] Sanchiz ficar por sa p(ar)ticon na q(u)inta do couto de Víiturio e na q(u)inta do padroadigo dessa eygreyga en todol(os)

[4] us h(er)dam(en)tus do couto e de fora do couto. [...]

Como o *Auto de Partilha* é um inventário, existem algumas possibilidades verbais no português contemporâneo para se definir quais serão os herdeiros e seus respectivos bens herdados.

Dentre as possibilidades estão o imperativo pela sua expressividade de ordem, assim poderemos ter frases como *Passe a casa para o nome de Fulano*. Também poderá ser utilizado o futuro do indicativo, que basicamente indica uma ação que se realizará ou será usado no lugar do imperativo conforme Bechara (2001, p. 279). Logo a mesma ordem já citada poderá ser alterada para *Fulano ficará com a casa*. Também poderá ser utilizado o presente do indicativo para se expressar ênfase em uma decisão, portanto outra possibilidade é *A casa fica com Fulano*. E por último existe a opção de se usar o subjuntivo já que este modo pode indicar desejo ou vontade: *Que a casa fique com Fulano*.

A explicação acima é necessária para que possamos entender a estrutura da oração imperativa que começa na linha 2, tem seu verbo na linha 3 e complementos nas linhas 3 e 4: *en esta maneira q(ue) Rodrigo [3] Sanchiz ficar por sa p(ar)ticon[...]*.

No testamento, o autor expressa o desejo de deixar alguns bens para Rodrigo Sanchiz e para isso faz uso da partícula *que* seguida pelo sujeito da oração, *Rodrigo Sanchiz*, e na sequência utiliza-se de do verbo *ficar*. Poderemos analisar este verbo de duas maneiras. A primeira como futuro do indicativo que poderia ser transcrita em português contemporâneo como *desta maneira (que) Rodrigo Sanchiz ficará com sua parte [...]*. Apesar de compreensível, o conector parece ser desnecessário na formação do sentido.

A segunda opção é se colocar o verbo no subjuntivo presente já que existe a ideia de vontade por parte daquele que deixa os bens. O *que* permanece na frase, porém é preciso alterar a forma do verbo na frase original para se formar *desta maneira que Rodrigo Sanchiz fique com sua parte [...]*. Acreditamos que esta frase expressa de maneira mais contundente aquilo que o autor desejava expressar.

Portanto nota-se que no *Auto de Partilha* houve uma alteração na estrutura da oração subordinada que poderia acontecer com a partícula *que* mais um verbo no futuro do subjuntivo ou do indicativo. Não há como precisar neste momento por qual verbo o autor optou, porém é possível dizer que, independentemente da escolha feita, a estrutura pode ser considerada agramatical no português contemporâneo, não somente se considerando as regras da gramática normativa, mas também a estrutura do português, já que a frase se tornará incompreensível para os falantes-ouvintes.

Considerações finais

A dificuldade de se encontrar textos completamente legíveis e que não criem dúvidas quanto a sua autenticidade é grande. Assim essa foi a maior barreira encontrada na pesquisa. Porém mesmo assim pudemos ter acesso a um *corpus* variado que incluía textos de vários períodos.

Não foram encontradas muitas alterações na estrutura das orações, contudo claramente percebem-se as alterações fonéticas e semânticas, não estudadas por não serem objetos deste estudo.

A única transformação que foi localizada está no *Auto de Partilha* e por ser isolada não nos permite avaliar se a estrutura fazia parte da língua portuguesa naquele período ou se é um mero erro de algum escriba ou mesmo uma tentativa de rebuscamento que acarretou em uma frase agramatical.

Não foi encontrado nenhum caso, no português arcaico, em que a oração subordinada exigisse normativamente um modo verbal e o escritor tivesse utilizado outro no lugar, como ocorre frequentemente hoje, principalmente na fala quando se utilizam verbos que exprimem desejo (*Eu quero que ela vá/vai comigo ao cinema.*).

Talvez a ausência de trocas indicativo-subjuntivo como a apresentada acima não faça parte do *corpus* por não serem aceitas tanto na fala como na escrita daquele período ou ainda por não estarem presentes na escrita devido ao cuidado em se seguir as regras da gramática normativa.

Referências Bibliográficas

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

COSTA, A. J. *Estudos de cronologia, diplomática, paleográfica e histórico-linguísticos*. Porto: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, 1992.



EDIÇÃO Nº 14 SEGUNDO SEMESTRE DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 20/12/2012



COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

DEUTSCHER, G. *The unfolding of Language: The evolution of mankind's greatest invention*. London: Arrow Books, 2005.

DIAS, A. E. S. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, s.d..

ESGARAVUNHA, F. G. Cantigas da Ajuda: Canção 119. In: LOPES, G. V. (Org.) *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=221&pv=sim>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MELO, G. C. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

NOTÍCIA de Torto. In: Projeto BIT-PROHPOR. Base de dados. Disponível em: <www.prohpor.ufba.br/NDTO.doc>. Acesso em: 17 out. 2012.

Quejando. In: SILVA, A. M. *Diccionario da Lingua Portugueza*: Tomo II. Lisboa: Impressão Régia, 1831.

ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp, 1996.

SILVA, G. J. *Syntaxe Diacrônica: um estudo de caso*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno10-15.html>>. Acesso em: 27 out. 2012.

SILVA, R. V. M. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2001.

Subjuntivo. In: Instituto Antônio Houaiss. **Houaiss Eletrônico**. V. 03, jun. 2009. Objetiva: s.l., 2009.